

## A MEIO CAMINHO ENTRE A DERIVAÇÃO E A COMPOSIÇÃO

MARIA DO CÉU CAETANO  
(Universidade Nova de Lisboa – FCSH)

*ABSTRACT: This study focuses on the word formation process that involves the combination of neoclassical elements, a process that for the vast majority of morphologists is a special component, on the borderline between derivation and compounding. In Latin and Greek, these elements were lexemes, hence characterized by their syntactic autonomy, while in Portuguese (and in other modern languages) they are items with a lack of independent status, not appearing in a fixed order. These aspects contribute to different classifications of these elements (prefixes, suffixes, bound roots, stems, first or second elements of a compound). Thus, we will attempt to clarify which are the neoclassical elements that, in addition to their prefixed or suffixed position, may also have some degree of autonomy, trying to understand what differentiates them from Portuguese words.*

*KEYWORDS: word formation; neoclassical elements; derivation; compounding.*

Retomo aqui um assunto de que já me havia ocupado, em parte, há alguns anos atrás, isto é, o estatuto dos chamados elementos neoclássicos e das formações em que os mesmos ocorrem, se bem que na apresentação que fiz na altura<sup>1</sup> o objectivo fosse o de discutir o conceito de vulgarização e não propriamente o estatuto destes elementos.

Estes elementos receberam e continuam a receber diferentes designações, tais como: formantes eruditos, temas greco-latinos, radicais, bases não autónomas, prefixos, sufixos, prefixóides, sufixóides, formas combinatórias, formantes morfossemânticos, etc... No seguimento de Bauer (1983: 216), adopto a designação de elementos neoclássicos, pois a combinação que hoje fazemos de elementos do grego e do latim destina-se a nomear novos objectos, conceitos, teorias, entre outros, que não existiam na Antiguidade Clássica. Por outro lado, esta designação é, apesar de tudo, mais neutra, i.e. não condiciona a ocorrência destes elementos em estruturas de composição ou de derivação e exclui-os das classes de palavras. Toda esta variedade de desig-

---

<sup>1</sup> Cf. Caetano (1995).

nações decorre, portanto, de diferentes concepções acerca do estatuto e das formações em que estes elementos ocorrem, tal como tentarei demonstrar em seguida.

Desde muito cedo, as principais gramáticas e manuais incluem as formações com elementos neoclássicos na composição, apontando-se, contudo, a possibilidade de alguns deles exercerem uma função prefixal ou sufixal. Por exemplo, Darmesteter (1877: 238) afirma que “certains mots remplissent le rôle de suffixes communs à divers radicaux” e Carvalho (1984: 524) considera que algumas estruturas em que ocorrem elementos do latim e do grego, sobretudo os que se encontram generalizados na língua comum e que ocupam a posição de segundo elemento, como por exemplo *-filo* e *-fobo* (*anglófilo* e *anglófobo*), conhecidos em larga medida pelo falante comum sejam tidas como palavras compostas, sendo mais provável, segundo o autor, que o falante “os analise (intuitivamente) como palavras derivadas por sufixação.”

No que diz respeito às gramáticas do português, algumas delas, sobretudo as históricas, contêm dados e observações relevantes, dos quais se destacam os seguintes:

1. É estabelecido um paralelismo entre os “compostos eruditos” e a “derivação erudita” (cf. Vasconcelos 1900: 138), na medida em que as fontes (latim e grego) são as mesmas e os processos seguem o modelo latino e grego.

2. Apontam-se diferenças entre a composição erudita e a composição propriamente dita, nomeadamente o diferente estatuto dos elementos desses dois tipos de compostos e a posição que ocupam na estrutura interna.

Vasconcelos (1900: 139) realça que “os elementos que entram na composição propriamente dita portuguesa são palavras, enquanto que no latim e no grego são temas de palavras. Outra diferença que se dá quase sempre: nos compostos portugueses a palavra determinante vai quase sempre depois da determinada, enquanto no latim e no grego se dá o contrário”.

Pereira (1935<sup>9</sup>: 233) também se vai basear na função que os elementos desempenham (determinante ou determinado) para distinguir os “compostos populares [que] seguem, em regra, a corrente *analytica*, que (...) é o genio das linguas neo-latinas, e põe o elemento determinante ao determinado, como: *couve-flor*, *amor-perfeito*, *bico-de-papagaio*” aos “compostos eruditos, que, em regra, só aparecem na linguagem culta, seguem a corrente *synthetica*, que é o genio das linguas antigas, e antepõe o determinante ao determinado, como: *agricola*, *agricultura*, *photographia*, *telegramma*.” O autor reconhece ainda que existe uma diferença entre os “compostos eruditos” que foram herdados do latim e do grego clássicos, e outros “formados segundo o modelo daquelles”.

A opinião de Nunes (1989<sup>9</sup>: 401) não é muito diferente das já mencionadas, ou seja, de que na “língua culta” ou se herda ou se dá continuidade aos modelos latino e grego de composição, realçando, contudo, que determinadas “partículas”, como chama aos elementos de que temos vindo a falar, “desempenham o papel de prefixos”.

Para Sequeira (1938: 266), quer na “composição erudita”, quer na “composição portuguesa”, os compostos são “perfeitos, assim na aglutinação como na flexão e no significado”. Refere também que alguns elementos que ocorrem na “composição erudita” servem ora de determinantes, ora de determinados, isto é, ocupam ora o primeiro lugar, ora o segundo. “Estão nestas circunstâncias, por exemplo, os elementos *filo*, *morfo*, *cosmo*, que entram em *filosofia* e *bibliófilo*, em *morfologia* e *metamorfo*, em *cosmografia* e *microcosmo*.” Todavia, Sequeira (1938: 267) refere que alguns elementos ocorrem quase sempre na posição à esquerda (como *apo* (*apólogo*), *arqueo* (*arqueologia*), *orto* (*ortografia*)), enquanto outros são mais frequentes na posição à direita, i.e. no lugar de determinados (por exemplo, *metro* (*termómetro*), *teca* (*biblioteca*), *cromo* (*polícromo*)).

Câmara (1975) acrescenta que a língua portuguesa, como as demais línguas românicas, perdeu o processo de composição latino que consistia em

combinar um nome fixado numa forma temática especial a outro, que era o núcleo da composição (*armiger*, “que traz armas”; *agrícola* “que cultiva o campo”) e refere que também “de origem literária é a composição por justaposição de dois adjetivos, dos quais o primeiro se apresenta sob uma forma fixa de tema em *-o* e não raro como variante formal do adjetivo correspondente existente na língua. O processo é produtivo para adjetivos gentílicos a fim de associar duas nações numa dada atividade: (guerra) *franco-prussiana*, (tratado) *anglo-americano*, (amizade) *luso-brasileira*.

Câmara (1975: 216)

Seguidamente, farei referência a outros trabalhos que não Gramáticas Históricas.

Recorrendo não ao critério etimológico, visto que como é sabido a descrição e análises efectuadas pelo autor seguem uma perspectiva sincrónica, mas sim à dicotomia preso / livre, Marchand (1969: 132), na sua obra magistral sobre a formação de palavras em inglês, vai fazer a distinção entre composição com base neolatina e prefixação com base nativa, realçando que em ambos os processos ocorre uma forma presa como primeiro constituinte. A diferença verifica-se, pois, ao nível do segundo elemento que, no caso da prefixação, é livre e, no da composição neolatina é um elemento sem autonomia. Isto significa que, na senda de Marchand, um elemento como *geo* é prefixo em *geoestatística* e tema se ocorre numa formação como *geometria*. Esta distinção efectuada por Marchand radica no pressuposto de que o prefixo, morfema lexical preso na acepção bloomfieldiana, selecciona obrigatoriamente uma base com autonomia pertencente a uma categoria lexical, enquanto os elementos neoclássicos, elementos presos, se soldam a outros do mesmo tipo, não portadores de uma categoria sintáctica.

Em Cunha e Cintra (1984: 109-113), os elementos neoclássicos, a que os autores conferem a designação de radicais, são incluídos na “Formação de Palavras por Composição”, designação que também aparece em Mateus *et al.* (1990: 432), que lhes chamam radicais neo-clássicos, embora nas escas-

sas páginas dedicadas à composição (pp. 479-487) não haja referência a compostos formados por estes “radicais”.

Mais recentemente, no seguimento de Villalva (1994), aceita-se geralmente que os compostos se subdividem em compostos morfológicos e compostos sintáticos, sendo os primeiros “estruturas resultantes de um processo de concatenação de radicais simples [ex.: *raticida*] ou complexos [ex.: *lusobrasileiro*], autonomamente existentes na língua, ou não, por intermédio de uma vogal de ligação” (Villalva, 1994: 346). Esta distinção também pode ser encontrada em Mateus *et al.* (2003). Aí se afirma que:

pode descrever-se a composição morfológica como um processo de concatenação de dois ou mais radicais, que exige a presença de uma vogal de ligação como delimitador da fronteira entre esses radicais. Os radicais que integram este tipo de compostos podem estabelecer entre si uma relação de modificação (...) ou uma relação de coordenação.

Mateus *et al.* (2003: 974)

Nas estruturas de modificação, o núcleo encontra-se à direita (como, por exemplo, *tecnocracia*), enquanto “os compostos morfológicos que têm uma estrutura de coordenação são sempre formas adjetivais” (Mateus *et al.* 2003: 974), como por exemplo, *político-cultural*, *lusobrasileiro*, *afro-lusobrasileiro* e *sócio-político-cultural*. Como se pode observar, a presença da vogal de ligação é o que supostamente permite agrupar debaixo do mesmo rótulo “composição morfológica” formações do tipo de *tecnocracia* e *raticida* e compostos adjetivais como por exemplo *político-cultural*. Ou seja, não é tida em conta a etimologia, nem a autonomia ou não autonomia do segundo elemento. Para as autoras, “O contraste entre as formas que exibem o mesmo radical à esquerda e à direita da vogal da ligação [exemplos, *fonograma* e *estereofonia*] mostram que essa vogal é um constituinte autónomo” (Mateus *et al.* 2003: 975). Trata-se, portanto, de uma vogal que exerce “uma função de delimitador dos radicais” dos compostos morfológicos, sendo “talvez por esta razão que a vogal de ligação *-o-* é preservada dos efeitos do vocalismo atónico (...), deixando de o ser quando os compostos são lexicalizados” (Mateus *et al.*, 2003: 975) (cf., por exemplo, de acordo com as autoras, *antrop[ɔ]mórfico* e *aut[u]móvel*, respectivamente). Para as autoras, a existência de duas vogais de ligação diferentes, *-o-* e *-i-*, deve-se ao facto de

a vogal de ligação [ser] um resíduo de um marcador casual na estrutura dos compostos do latim e do grego antigo. (...) Os dados disponíveis mostram que a vogal *-i-* ocorre sempre que o radical da direita é um radical neoclássico de origem latina, se o composto tiver uma estrutura de modificação. Em todos os outros casos, a vogal de ligação é *-o-*

Mateus *et al.* (2003: 976)

como nos exemplos aduzidos *ministricida* e *fotograma*, entre outros. Todavia, tal como é lembrado, “Esta generalização não se aplica nos casos em

que o radical da direita começa por vogal, qualquer que seja a sua etimologia”, como por exemplo em *nevrálgia* (Mateus *et al.*, 2003: 977)<sup>2</sup>.

Esta longa descrição relativa à vogal de ligação é coincidente com as que encontramos nas gramáticas históricas do português que considerámos anteriormente, como se indica abaixo, unicamente a título de exemplo:

Em Vasconcelos (1900), especifica-se que

Nos compostos cujos elementos são latinos, o primeiro elemento, sendo nominal, modifica-se ao unir-se ao outro, e toma geralmente a terminação *-i-*. (...) Ha alguns compostos de elementos nominais, nos quais o primeiro elemento, em vez de terminar segundo a regra geral em *-i-*, termina em *-o-*, à imitação dos compostos gregos. Ex.: *romano-árabe*, *hispano-americano*. Outros casos ha, posto que raros, em que o primeiro elemento entra na composição tendo por terminação outra vogal, que possuía quando isolado, e que conserva. Ex.: *manu-factura*, *manu-scripto*.

Vasconcelos (1900: 140)

Nunes (1989<sup>9</sup>: 404) considera que “No seu processo formativo, em geral, o latim tem o primeiro elemento em *i* (*agri + cultura*), às vezes em *u* (*usu + fructo*), e o grego em *o* (*photo + graphia*)”.

Para Sequeira (1938),

Nos compostos de via latina, o primeiro elemento, qualquer que seja o tema a que pertence, termina geralmente em *-i*, como sucede em *lanifício* (tema *lana-*), *agricultura* (tema *agro-*), *frutífero* (tema *frutu-*), *omnisciente* (tema *omni-*), *regicídio* (tema *reg-*). São mais raros os casos em que o primeiro elemento acaba noutro fonema (*aqueduto*, *jurisprudência*, *quadrúpede*, *primogénito*). (...) Nos compostos de procedência grega, o primeiro elemento assume, geralmente, a desinência *-o* (*astronomia*, *geógrafo*, *enciclopédia*), mas também aparece com outra desinência (*caligrafia*, *telefone*).

Sequeira (1938: 267)

Assim, de acordo com a proposta de Mateus *et al.* (2003), compostos do português do tipo *médico-cirúrgico* ou *novilatino*, em que os primeiros elementos terminam em *-o* e *-i*, as vogais terão a função de delimitar os radicais, à semelhança do que se passa nos compostos com radicais neoclássicos. Aparentemente, não haverá diferenças entre formações resultantes da junção de dois elementos neoclássicos, formações em que o primeiro elemento e o segundo elemento são vernáculos e também formações em que o primeiro elemento vernáculo é resultante de um truncamento e termina em *-o* e se junta a uma base vernácula, como por exemplo *turbo-*, forma truncada de *turbocompressor*, em *turbo-diesel*, *turbo-prof(essore)s* (cf. CETEMPúblico).

<sup>2</sup> Para além destes casos, são também apontados (cf. Mateus *et al.* 2003: 977) contra exemplos, como em:

(1) *braquilogia*, em que “nenhuma vogal de ligação está presente”;

(2) *genocídio*, em que “a vogal de ligação *-o-* precede um radical de origem latina”;

(3) *velocímetro*, em que “o radical de origem grega é precedido pela vogal de ligação *-i-*”.

Segundo Correia & Lemos (2005: 43), formações em que ocorrem exemplos como estes em *turbo-*, ou recompostos (no seguimento de Cunha & Cintra 1984), também “podem ser integrados na composição morfológica, dado envolverem unidades lexicais não-autónomas.” Mais uma vez, parece-me que o facto de os elementos vernáculos, formas truncadas ou não, terem uma categoria sintáctica os diferencia bastante dos elementos neoclássicos.

Para além da presença da vogal de ligação, Mateus *et al.* (2003: 972) contrapõem exemplos do tipo *luso-brasileiro* e *surdo-mudo*, para exemplificar que os dois tipos de compostos, morfológico e morfo-sintáctico respectivamente, realizam os contrastes de género e a flexão em número de forma diversa (*luso-brasileiro*, *luso-brasileira*, *\*lusa-brasileira*, *luso-brasileiros*, *\*lusos-brasileiros* / *surdo-mudo*, *surda-muda*, *\*surdo-muda*, *surdos mudos*, *\*surdo-mudos*). Mas, como é sabido, dentro da chamada composição sintáctica, temos casos de flexão interna, flexão marginal e flexão dupla e impossibilidade de flexão em género e número (cf., por exemplo, *estrela do mar*, *estrelas do mar*, *\*estrelas dos mares*; *guarda chuva*, *guarda chuvas*, *\*guardas chuvas*; *tenente coronel*, *tenentes coronéis*, *\*tenente coronéis*, *\*tenentes coronel*; *sangue frio*, *\*sanguês frios*). Elementos como *luso-* e *rat(i)-*, por exemplo, são pela sua natureza elementos presos e invariáveis, aos quais não é possível atribuir uma determinada categoria sintáctica e, nessa medida, não são sensíveis a marcas de flexão, situação bastante diferente de, por exemplo, *brasileiro* e *surdo* e *mudo*, que, para além de ocorrerem enquanto elementos de compostos como os acima indicados, têm existência autónoma na língua e são adjectivos que flexionam em género e em número.

Resumindo: nos compostos típicos os elementos têm autonomia sintáctica e nas formações com elementos neoclássicos isso não acontece. Por isso, não se me afigura convincente a subdivisão que é estabelecida entre compostos morfológicos e compostos sintácticos, no caso dos compostos do português, quando nos compostos morfológicos são consideradas estruturas em que ambos os elementos não ocorrem / ocorrem isoladamente. Assim como não se devem confundir elementos pertencentes a diferentes sistemas<sup>3</sup>, também não devem ser considerados no mesmo plano elementos sem e com autonomia, elementos simples e complexos, elementos que seleccionam outros elementos do mesmo tipo e outros que, além dessa possibilidade, se soldam a bases vernáculas. Além do mais, esta subdivisão, tão generalizada actualmente para o português, não é considerada em alguns dos principais trabalhos em formação de palavras.

<sup>3</sup> Ainda que a maior parte do nosso fundo lexical seja de origem latina e grega e de em português os modelos de formação de palavras seguirem nalguns casos a matriz clássica, parece-me importante a distinção entre os elementos em função da sua origem etimológica, considerando de modo diferente as formações em que se soldam elementos de um mesmo sistema (gr. + gr.; lat. + lat.; port. + port.) e aquelas que são híbridas (gr. + lat.; lat. + gr.; gr. + port.; port. + gr.; lat. + port.; port. + lat.).

Por exemplo, e para referir unicamente obras mais recentes e relevantes, os tipos de compostos considerados por Val Álvaro (1999: 4760), na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, são os “compuestos léxicos y compuestos sintagmáticos”. Os primeiros, ou compostos ‘propios’, consistem “en la combinación de, en principio, dos palabras” (ex. *pelirrojo*), enquanto os segundos, compostos ‘impropios’, resultam da “fijación de una estructura sintáctica en una forma determinada, lo que conlleva la pérdida de propiedades sintácticas y la hace hábil para expresar conceptos unitarios” (ex. *fin de semana*). Dentro dos compostos léxicos prototípicos, Val Álvaro (1999) trata os compostos nominais formados com temas greco-latinos (p. 4799 e sgs.), como por exemplo *cinematógrafo* e *wagnerólogo*, e nos compostos adjetivos (p. 4807 e sgs.), depois de referir a propósito destes que na posição de primeiro constituinte do composto aparecem tanto adjetivos na sua forma plena como temas de adjetivos (por exemplo, *afro-*, *anglo-*, *luso-*), observando que isto se verifica com todos os adjetivos excepto os de cor, analisa os compostos adjetivos com temas grecolatinos. Considera que este tipo de compostos se manifestam em estruturas “que presentan relaciones equiparables a las que se dan en compuestos patrimoniales.” (por exemplo *cardiorrespiratorio*, em que há uma relação coordenativa, e *pisciforme*, em que há uma relação subordinativa).

Fabb (2001: 66-83), no *Handbook of Morphology*, descreve e analisa os “synthetic (verbal) compounds”, compostos nominais em que o núcleo é um derivado verbal, do tipo *window-cleaning*, “incorporation compounds”, quando um dos elementos do composto (tipicamente um verbo) retém a sua função sintáctica original, e “repetition compounds”, usualmente designados por reduplicação (cf. exemplos do Tamil, como *vantu* ‘vir’, *vantu-vantu* ‘vir várias vezes; vir e tornar a vir’) e ainda os compostos que contêm “bound words”, i.e. os compostos do tipo *cranberry* e *television*.

No *Handbook of Word Formation*, Lieber (2005: 378-379) subdivide os compostos em “root compounds” e “synthetic compounds”. Os “root compounds”, também chamados compostos primários, são formados pelas combinações de duas classes abertas – N, V, A –, sendo que a categoria do segundo elemento é um nome ou um adjetivo (exemplos: *catfood*; *sky blue*; *red hot*; *hard hat*; *pickpocket*), e são geralmente endocêntricos, com núcleo à direita. Os “synthetic compounds”, designados igualmente por compostos verbais ou deverbais, caracterizam-se por o segundo elemento ser um derivado deverbal e, tal como os anteriores, têm núcleo à direita, sendo, segundo a autora, altamente rentáveis em inglês (exemplos: *truck driver*; *tax evasion*).

Como caracterizar, então, os elementos neoclássicos e as formações em que participam?

1. São elementos de origem erudita;
2. Têm um forte conteúdo lexical;
3. Não têm existência autónoma, caracterizando-se pela sua não autonomia sintáctica em português (e noutras línguas modernas);

4. Num grande número de casos, juntam-se a outros elementos que possuem as mesmas características etimológicas, morfológicas e semânticas. O facto de os elementos neoclássicos não pressuporem a existência de uma base pertencente a uma das categorias lexicais maiores à qual se juntam contradita a posição defendida por Aronoff (1976: 21), para quem “A new word is formed by applying a regular rule to a single already existing word. Both the new word and the existing one are members of major lexical categories”;

5. Formam palavras complexas, sobretudo pertencentes a domínios técnicos e científicos (medicina, biologia, química, etc.), mas é igualmente significativo o número de unidades pertencentes ao vocabulário da língua corrente em que participam.

6. Diferenciam-se de prefixos e de sufixos porque se caracterizam por se combinarem entre si, o que não acontece com os primeiros (cf., por exemplo, *\*antides*, *\*ismoista* ou *\*desismo*) e, para além disso, a posição que ocupam pode não ser fixa: alguns deles podem aparecer na posição inicial ou final (por exemplo *crono*, em *cronómetro* e *assíncrono*); alguns somente na posição inicial (por exemplo *pseudo* em *pseudofobia*) e outros somente na posição final (por exemplo *voro* em *energívoro* ‘que consome muita energia’).

7. São diferentes do primeiro e do segundo elementos de um composto do português (núcleo à esquerda).

Não se pode, pois, invocar para os caracterizar a não autonomia dos elementos neoclássicos, situação idêntica à dos prefixos e sufixos, nem a posição que ocupam, elemento à esquerda ou elemento à direita do composto, tendo em conta que, apesar de preferencialmente ocorrerem ou como primeiro ou como segundo elemento das estruturas em que participam, certos elementos podem ocorrer em ambas as posições, como já vimos anteriormente.

Gostaria de acrescentar que a razão para que certos autores considerem que alguns elementos neoclássicos são (ou se assemelham a) simultaneamente prefixos ou sufixos estará, provavelmente, relacionada com a forte rentabilidade de alguns deles. Diria mesmo que, tendencialmente, os elementos mais rentáveis ocupam sempre a mesma posição, como por exemplo *bio-* e *geo-* (em, por exemplo, *biodegradável* e *geoestratégia*) e *-voro* e *-teca* (em, por exemplo, *alfacívoro* e *bedoteca*). Além disso, como se pode observar pelos exemplos, os elementos mais rentáveis que estão disponíveis para a formação de novas unidades em português são aqueles em que existe a possibilidade de se juntarem quer a bases vernáculas, quer a palavras que são empréstimos a outras línguas, como por exemplo *kartódromo*. Como muito bem assinala Benveniste (1974) a propósito dos compostos cultos,

certaines des néologismes scientifiques de forme gréco-latine créés en français et tout particulièrement les composés (...) n’ont de grec ou de latin que la forme matérielle. Ce sont en réalité des composés bâtis en français et seulement transposés (...) en lexèmes gréco-latins. Ce type de formation est nou-

veau. Il n'a pas d'antécédent connu dans l'histoire des langues. On peut prévoir qu'il se développera.

Benveniste (1974: 170)

Estas novas formações relacionadas com a alta rentabilidade de alguns elementos neoclássicos consistem, então, na junção de elementos, à partida, pertencentes a diferentes sistemas, o que é considerado como excepcional no que diz respeito aos restantes processos de formação de palavras, tal como tentei evidenciar a propósito da derivação sufixal (cf. Caetano, 2003: 152), onde só pontualmente encontramos séries mistas, como por exemplo *frigidéz*, *nudez*, em que a bases eruditas se soldam sufixos “populares”, em vez de *\*frigidície* e *\*nudície* ou *\*friez* e *\*nuez*) e o adjetivo *doçal*, de *doce* e não de *dulce*, em que se deu a junção de um sufixo “erudito” a uma base “popular”.

Retomo, por fim, o título deste meu trabalho, para afirmar que o processo de formação de palavras em que participam elementos neoclássicos se situa “A meio caminho entre a derivação e a composição”. Ou seja, não é (exclusivamente) nem uma coisa nem outra. Por isso, tendo em conta a sua especificidade, será desejável que, para além dos já considerados, se pondere a existência de um outro processo, que consiste na formação de palavras por elementos neoclássicos.

### Referências Bibliográficas

- Aronoff, Mark (1976). *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Bauer, Laurie (1983). *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bauer, Laurie (1998). Is there a class of neoclassical compounds and if so is it productive? *Linguistics* 36, pp. 403-421.
- Benveniste, Émile (1974). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, vol. II.
- Caetano, Maria do Céu (1995). Formação de Palavras em Português. Os sufixóides e a vulgarização dos formantes eruditos. *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 517-528.
- Caetano, Maria do Céu (2003). *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso (1975). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- Carvalho, Herculano de (1984). *Teoria da Linguagem*. Coimbra: Coimbra Editora, vol. II, 4.<sup>a</sup> ed. (1.<sup>a</sup> ed. 1973).

- Correia, Margarita & Lúcia San Payo de Lemos (2005). *Inovação lexical em português*. Lisboa: Colibri.
- Cunha, Celso & Luís F. Lindley Cintra (1984). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Darmesteter, Arsène (1877). *De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent*. Paris: Vieweg.
- Fabb, Nigel (2001). Compounding. In Spencer, Andrew & Arnold M. Zwicky (eds) *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 66-83.
- Lieber, Rochelle (2005). English Word-Formation Processes. Observations, Issues, and Thoughts on Future Research. In Štekauer, Pavol & Rochelle Lieber (eds) *Handbook of Word-Formation*. Springer: The Netherlands, pp. 375-427.
- Marchand, Hans (1969) *The categories and types of present-day English word-formation*. München: Beck, 2.<sup>a</sup> ed. (1.<sup>a</sup> ed. 1960).
- Mateus, Maria Helena M. et al. (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mateus, Maria Helena M. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5.<sup>a</sup> ed. revista e aumentada (1.<sup>a</sup> ed. 1983).
- Nunes, José Joaquim (1989). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora, 9.<sup>a</sup> ed. (1.<sup>a</sup> ed. 1919).
- Pereira, Eduardo Carlos (1935). *Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 9.<sup>a</sup> ed. (1.<sup>a</sup> ed. 1916).
- Sequeira, Francisco Júlio Martins (1938). *Gramática de português*. Lisboa: Livraria Popular.
- Val Álvaro, José Francisco (1999). La Composición. In Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (eds) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. III (*Entre la oración y el discurso / Morfología*). Madrid: Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, pp. 4757-4841.
- Vasconcelos, António Garcia Ribeiro (1900). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Paris/Lisboa: Aillaud/Alves; Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Francisco Alves.
- Villalva, Alina (1994). *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa (publicada em 2000, em Lisboa, pela Fundação Calouste Gulbenkian / FCT).